A INFLUÊNCIA DAS AÇÕES COOPERATIVISTAS SOBRE A REPRODUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR E SEUS REFLEXOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO RURAL

Rosani Marisa Spanevello – Prof.ª Dr.ª do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Palmeira das Missões/RS. Contato: rspanevello@yahoo.com.br
Laila Mayara Drebes – Graduanda do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Frederico Westphalen/RS. Bolsista do Grupo PET Agronomia/FW – MEC/SESu. Contato: laila_mayaraaa@yahoo.com.br
Adriano Lago – Prof. Dr. do Departamento de Administração da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* de Palmeira das Missões/RS. Contato: adrianolago@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar de que forma as cooperativas agropecuárias, instituições promotoras de desenvolvimento no meio rural, vem trabalhando a temática da sucessão geracional com seus associados, com o intuito de garantir a continuidade das propriedades associadas e de seu próprio quadro social. Esta análise envolve entrevistas realizadas com os dirigentes das oito cooperativas agropecuárias da região do Alto Jacuí, filiadas a Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (FECOAGRO), sendo elas: Cooperativa Tritícola Espumoso Ltda. (COTRIEL), Cooperativa Agrícola Mista General Osório Ltda. (COTRIBÁ), Cooperativa Agropecuária e Industrial (COTRIJAL), COTRIPAL Agropecuária Cooperativa, Cooperativa Tritícola Sarandi Ltda. (COTRISAL), Cooperativa Agrícola Soledade Ltda. (COAGRISOL), Cooperativa Tritícola Taperense Ltda. (COTRISOJA), Cooperativa dos Agricultores de Chapada Ltda. (COAGRIL). Os resultados obtidos a partir das entrevistas permitem inferir que as ações realizadas são indiretas, voltadas a aspectos econômico-produtivos e sociais, e de forma generalizada a família rural, apesar da grande preocupação apresentada pelas cooperativas no que se refere a questão sucessória.
PALAVRAS CHAVE: desenvolvimento rural, jovens rurais, cooperativas agropecuárias, sucessão geracional.

ABSTRACT

The present study has as objective to analyze how the agricultural cooperatives, institutions that foment the development in the rural area, are dealing with generational succession point with their associates with the aim to ensure the continuity of properties associated and of their social members. This analysis involve interviews realized with the directors of eight agricultural cooperatives from Alto Jacuí region affiliated to the Agricultural Cooperative Federation of Rio Grande do Sul (FECOAGRO) being them: Cooperativa Triticola Espumoso Ltda (COTRIEL), Cooperativa Agricola Mista General Osorio Ltda (COTRIBÁ), Cooperativa Agropecuaria e Industrial (COTRIJAL), COTRIPAL Agropecuaria Cooperativa, Cooperativa Tritícola Sarandi Ltda. (COTRISAL), Cooperativa Agrícola Soledade Ltda. (COAGRISOL), Cooperativa Tritícola Taperense Ltda. (COTRISOJA) and Cooperativa dos Agricultores de Chapada Ltda. (COAGRIL). The results obtained with the interviews allow to infer that the actions realized are indirects, related to economic-productives and social aspects, and in general way to the rural family, despite the big preoccupation presented by cooperatives with the succession question.
KEYWORDS: rural development, rural youth, agricultural cooperatives, generation succession.

ÁREA TEMÁTICA

Desenvolvimento e Espaço: ações, escalas e recursos

Tema Agrícola/Rural

INTRODUÇÃO

O processo de sucessão geracional em propriedades rurais de agricultura familiar tem sido objeto constante de estudos no Brasil. A preocupação em torno desta questão se deve ao êxodo rural seletivo que prioriza o segmento jovem e feminino da população, cujas consequências são a masculinização e o envelhecimento do campo, os quais, por sua vez, tem gerado grandes dificuldades à reprodução social da agricultura familiar, como já explicado por diversos trabalhos, como o de Camarano e Abramovay (1999), o de Silvestro *et al.* (2001), o de Anjos e Caldas (2006) e o de Spanevello (2008), e dificultado o desenvolvimento pleno do meio rural como um todo.

Atualmente, já se tem elucidados diversos fatores determinantes ao cumprimento do processo sucessório, entre os quais estão: a capitalização das propriedades rurais, a geração de renda satisfatória e condições de trabalho favoráveis. Além desses, as perspectivas de continuidade das propriedades rurais também tendem a ser favoráveis quando os jovens têm acesso a terra, educação e lazer, autonomia dentro da propriedade, crédito e políticas públicas de incentivo para instalação como agricultor e estímulo de instituições locais de fomento técnico e extensão rural. Entre estas instituições, destacamos as cooperativas agropecuárias devido à capilaridade que apresentam junto às propriedades, realizando interação social e econômica diretamente com os associados.

O estudo de Spanevello e Lago (2003) apontam as cooperativas agropecuárias como instituições de influência direta sobre as propriedades familiares, sendo qualificadas como uma "extensão da propriedade do associado", já que suas atuações vão muito além dos aspectos econômicos e produtivos. A interação com os associados através de assistência técnica, fornecimento de crédito, comercialização da produção, aperfeiçoamento produtivo e tecnológico, formação e informação são características que dão às cooperativas a possibilidade de influenciar na permanência de um sucessor na propriedade. A tomada de decisão de um jovem permanecer pode ter ligação intrínseca com a capacidade da cooperativa em atender as necessidades profissionais e sociais do sucessor em potencial, o que a torna uma das entidades mais aptas (se não a mais apta) a trabalhar o tema da sucessão.

Além disso, vale frisar que a sucessão geracional não diz respeito apenas à sobrevivência das propriedades rurais e da agricultura familiar, mas também a sobrevivência das próprias cooperativas agropecuárias, pois com a saída cada vez mais acentuada dos jovens, fica a perspectiva de como se dará a renovação das gerações de agricultores no campo e do corpo de associados das cooperativas.

Neste sentido, têm-se uma compreensão de que as cooperativas possuem certa responsabilidade na sucessão das propriedades de seus associados. Além de serem organizações com responsabilidade social, atuando no meio rural como promotoras de desenvolvimento, as cooperativas apenas mantêm e renovam o seu quadro social através da sucessão dos filhos de agricultores (possíveis associados) no lugar dos seus pais (antigos associados).

Desta forma, o objetivo central deste artigo é verificar de que forma as cooperativas agropecuárias vêm trabalhando o tema da sucessão geracional com seus associados: quais ações/projetos têm sido desenvolvidos para os jovens a fim de reforçar e estimular sua permanência no meio rural; como surgiram e são desenvolvidos; e quais os resultados até o momento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é parte dos resultados do projeto de pesquisa intitulado: A influência de projetos e ações de cooperativas agropecuárias sobre a sucessão geracional das propriedades rurais. O objetivo é identificar projetos e ações fomentados pelas cooperativas agropecuárias voltados aos jovens, filhos de agricultores familiares e a contribuição destes sobre a permanência de rapazes e moças nas propriedades rurais.

Para a execução deste projeto foram selecionadas as cooperativas agropecuárias filiadas à Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (FECOAGRO), situadas geograficamente na região do Alto Jacuí, totalizando oito entidades, sendo elas: Cooperativa Tritícola

Espumoso Ltda. (COTRIEL), Cooperativa Agrícola Mista General Osório Ltda. (COTRIBÁ), Cooperativa Agropecuária e Industrial (COTRIJAL), COTRIPAL Agropecuária Cooperativa, Cooperativa Tritícola Sarandi Ltda. (COTRISAL), Cooperativa Agrícola Soledade Ltda. (COAGRISOL), Cooperativa Tritícola Taperense Ltda. (COTRISOJA), Cooperativa dos Agricultores de Chapada Ltda. (COAGRIL).

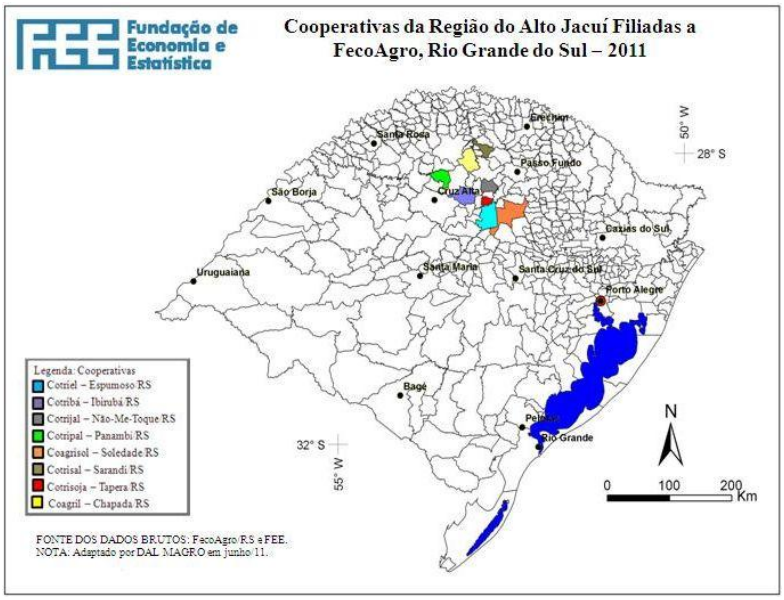

Figura 1– Identificação das Cooperativas da Região do Alto Jacuí filiadas a FECOAGRO e abrangidas na pesquisa.

Os resultados aqui abordados são referentes as entrevistas realizadas com os dirigentes ou responsáveis pelo planejamento e execução de projetos socioeconômicos dentro da cooperativa, voltados a atender de forma direta ou indireta os sucessores ou prováveis sucessores. As entrevistas foram construídas com base num roteiro semiestruturado com questões voltadas a: existência de projetos socioeconômicos dentro da cooperativa, especialmente para os filhos de associados; dinâmica de funcionamento dos projetos (caso existam); objetivos; responsáveis pela execução dentro da cooperativa; tempo de funcionamento; metodologia utilizada; participação dos filhos de associados; motivação para participação dos sucessores ou prováveis sucessores; parcerias e investimentos para implementar as ações e/ou projetos e os resultados obtidos até o momento (tais como vontade, motivação) para os filhos de associados permanecerem na ocupação de agricultor e no meio rural. A coleta de dados foi realizada de janeiro a julho de 2011.

A PROBLEMÁTICA DA SUCESSÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar encontra-se amplamente distribuída pelo meio rural brasileiro. Conforme os dados do último Censo Agropecuário de 2006, de um total de 5.175.489 estabelecimentos 4.367.902 trabalham na forma de agricultura familiar, número que concebe 84,4% do total, sendo que estes ocupam 24,3% da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. No Rio Grande do Sul, 85,7% das propriedades são definidas como sendo familiares (IBGE, 2009).

De um modo geral, a Lei 11.326, de 24 de junho de 2006, define a agricultura familiar pela realização de atividades no meio rural, pela posse de área de terra inferior a quatro módulos fiscais, pela utilização de mão-de-obra proveniente da família, pela renda familiar originada basicamente a partir das atividades da propriedade e por gestão conjunta da propriedade com participação dos membros familiares.

Lamarche (1993) reforça o conceito de agricultura familiar como uma unidade de produção agrícola, afirmando que a propriedade e o trabalho estão interligados intimamente à família. Silvestro *et*

al. (2001) vê essa organização como contrária aos preceitos capitalistas, pois o local de residência se confunde com o local de trabalho, não havendo separação entre família e negócio. Desta forma, podemos afirmar que a propriedade rural é moradia e empresa, o proprietário do estabelecimento é chefe e pai e os demais habitantes da propriedade são familiares e funcionários, simultaneamente, no tempo e espaço.

Para garantir a continuidade da atividade, Gasson e Errington (1993) afirmam que é vital a transmissão do patrimônio e da gestão da propriedade através das sucessivas gerações familiares, ou seja, a sucessão representa a transferência do controle ou da gestão da propriedade à próxima geração. Segundo as autoras, a sucessão está estreitamente ligada à reprodução intergeracional, com substituição das antigas gerações pelas mais novas na gestão das propriedades. Tradicionalmente, o modelo sucessório da agricultura familiar é dado pela permanência de pelo menos um dos filhos na propriedade, obedecendo a uma organização interna familiar demarcada pela autoridade paterna.

No que tange ao processo sucessório na região sul do Brasil, Spanevello (2008) destaca como padrão sucessório mais comumente encontrado a chamada "sucessão tardia". Nestes casos, a gestão e o patrimônio da propriedade são transmitidos ao filho no final da vida dos pais (morte dos progenitores) ou em casos de incapacidade física. Carneiro (2001) destaca também ser característico da região a escolha de um único sucessor, geralmente do sexo masculino, o qual é visto como aquele que irá assegurar a continuidade da exploração agrícola e a manutenção do grupo familiar.

Explica-se essa seletividade em função de que na agricultura familiar as propriedades são pequenas e a sua divisão entre muitos herdeiros resultaria na inviabilidade econômica do estabelecimento. Casos raros são aqueles em que mulheres são designadas ao cargo de sucessoras, tendo em vista que geralmente, recebem como herança dinheiro e/ou enxoval, e não terra (propriedade). A explicação, segundo Woortmann (1995) reside no fato do trabalho da mulher não ser visto como produtivo, tendo em vista sua "aptidão" aos afazeres domésticos. Tanto entre italianos, onde predomina o minorato, quanto entre alemães onde prevalece a primogenitura, entregar terras à mulher era contra o princípio de manter a integridade do patrimônio familiar, pois os taliões entregues as moças acabariam por integrar o patrimônio de outra família: a do marido da filha.

As características e padrões citados acima regeram por muitas décadas a reprodução social da agricultura familiar no sul do Brasil. Entretanto, entre os anos de 1960 e 1980, o meio rural brasileiro foi arrebatado pela modernização agrícola e pelo alargamento do seu espaço social. A evolução do mercado agrícola, o surgimento de novas tecnologias, bem como a difusão do automóvel e dos meios de comunicação, além de diminuir a necessidade de mão-de-obra rural permitiu também uma aproximação com o meio urbano, conforme elucidado por Bourdieu (2000).

Carneiro (1998) explica que tais modificações fizeram do meio rural um lugar heterogêneo e diversificado, os jovens passaram a se direcionar com base em comparações entre o meio urbano e o rural, diferenciando-se das gerações de seus antepassados e construindo uma visão contrária sobre o campo, principalmente no que diz respeito a trabalho, consumo e modo de vida. Woortman (1995) e Carvalho (2007) comentam que a união da agricultura familiar começou a ser suprimida em detrimento de projetos individuais que não abrangiam o interesse coletivo e que desvalorizam a reprodução como "colono". E a partir daí a disposição, a "auto-reprodução" e a "auto-perpetuação", que Champagne (1986a) dizia tão fortemente inseridas no meio rural, podem ser modificadas devido à saída da população mais jovem em direção às cidades.

Camarano e Abramovay (1999) informam que entre 1960 e 1980, o êxodo rural brasileiro alcançou um total de 27 milhões de pessoas, sendo que desde 1950, a cada dez anos, um em cada três brasileiros que vivia no meio rural optou pela emigração. Dentre esses emigrantes, os maiores números estavam adjuntos a jovens, principalmente moças. Silvestro *et al.* (2001) afirmam que esse êxodo seletivo conduz a vazios demográficos que destroem o capital social existente, comprometendo a continuidade da agricultura familiar e a construção de projetos de desenvolvimento regional, descaracterizando a antiga paisagem regente. Anjos e Caldas (2006) concluem que a longo prazo essas migrações poderão comprometer a renovação da força de trabalho rural, dado a permanência das pessoas mais velhas no campo.

Conforme Brumer e Spanevello (2008) esses dois processos acarretam problemas na reprodução social da agricultura familiar, seja por falta de filhos ou filhas dispostos a assumir a propriedade, seja porque os rapazes que estão dispostos a ser agricultores familiares terem dificuldades de encontrar parceiras para construir suas famílias, se tornando o que Lopes (2006) designa como celibatários: homens que não casaram e não tiveram filhos, ou seja, que não possuem sucessores para dar continuidade as suas propriedades.

Como conseqüência desses entraves, muitas propriedades podem passar pelo processo de abandono devido à falta de interesse dos filhos, outras acabarão se tornando sítios de lazer e outras, ainda, serão incorporadas por propriedades maiores ou trabalhadores liberais. Entretanto, qualquer um dos possíveis destinos pode por em risco a reprodução da agricultura familiar.

Com base no exposto, fazem-se válidas as premissas de Champagne (1986a; 1986b), as quais afirmam haver uma crise na reprodução da agricultura familiar, devido ao desinteresse dos jovens, principalmente moças, em permanecerem na propriedade paterna e darem continuidade a atividade da família. A reprodução da identidade do agricultor familiar passa por uma fase de descaracterização e o processo de sucessão geracional é sempre referido com imprecisão, o que leva a supressão da naturalidade com a qual a transferência da gestão e do patrimônio acontecia.

Vários estudos, como o de Brumer (2000), o de Silvestro *et al.* (2001) e o de Brumer e Spanevello (2008), comprovam que a perspectiva de sucessão geracional se amplia frente a determinados fatores que atuam como estimuladores. Frente à problemática, Brumer e Spanevello (2008) fazem a seguinte afirmação:

> A perspectiva de continuidade da agricultura familiar e de suas unidades produtivas depende de uma série de fatores que dificultam ou facilitam a permanência dos jovens. Esses fatores não são únicos e nem isolados, mas interligados entre si, e dizem respeito às condições sócio-econômicas familiares e da unidade produtiva; ao tipo de trabalho (agrícola ou não agrícola) realizado; às oportunidades de trabalho existentes na agricultura familiar e em atividades não agrícolas no meio rural ou nas cidades próximas aos locais de residência, para jovens de ambos os sexos; à educação; ao acesso ao lazer, ao tipo de lazer existente e às expectativas dos jovens sobre o lazer no meio rural; à participação e ao envolvimento em movimentos sociais; à possibilidade do jovem ter seu trabalho remunerado e autonomia para tomar decisões sobre seu trabalho e seus gastos pessoais; à perspectiva de herdar a propriedade; à percepção sobre o trabalho agrícola e o modo de vida no meio rural; ao acesso ao crédito e a políticas públicas de auxilio aos jovens; à perspectiva matrimonial com moças ou rapazes do meio rural. São dimensões que constroem as razões e as motivações dos jovens de querer ou não ser agricultor (a), de querer ou não ficar no meio rural (BRUMER & SPANEVELLO, 2008, p. 13).

Além dos fatores elencados acima, a pesquisa de Brumer e Spanevello (2008) constata que um dos aspectos que falta no meio rural para atrair os jovens é a existência de incentivos e políticas públicas. No quesito incentivo, encontra-se o apoio de organizações locais ou municipais de fomento técnico e de extensão rural, com destaque para as cooperativas agropecuárias, em razão de sua atuação tanto sob o ponto de vista econômico como social.

COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS: HISTÓRICO, PRECEITOS E SUA RELAÇÃO COM A SUCESSÃO E COM O DESENVOLVIMENTO DO MEIO RURAL

Siqueira (2001) afirma que as origens históricas do cooperativismo e de seu legado não tiveram um período específico de surgimento. Entretanto, no que diz respeito ao cooperativismo denominado como moderno, esse teve sua ascensão na Inglaterra do século XIX. De acordo com Rossi (2009), a doutrina do cooperativismo moderno surgiu em 1844, em Rochdale, Inglaterra, a partir de uma sociedade cooperativa chamada *Rochdale Society of Equitable Pioneers* (Sociedade dos Pioneiros Equitativos de Rochdale), constituída por 28 tecelões que se uniram com a finalidade de melhorar sua condição econômica através do auxílio mútuo. O sucesso (êxito econômico) dessa experiência sobreviveu e se

tornou símbolo do cooperativismo, tanto que os atuais princípios que o regem consistem, conforme Rossi (2009) e Antonialli (2000), em uma herança cultural dos pioneiros rochdaleanos.

No Brasil, de acordo com Pinho (1996 apud SAMPAIO SILVA *et al.*, 2003), as primeiras experiências do cooperativismo rochdaleano também ocorreram no século XIX, com a criação da Associação Cooperativa dos Empregados, no ano de 1891, em Limeira, São Paulo, e da Cooperativa de Consumo de Camaragibe, em Pernambuco, no ano de 1894. A autora defende ainda que a ascensão da doutrina cooperativista no Brasil se deu a partir do ano de 1932, quando foi promulgada a lei básica do cooperativismo brasileiro e quando o governo passou a estimular o cooperativismo por este representar uma forma de reestruturação, principalmente para as atividades agrícolas.

Segundo a Legislação Brasileira[1], no Artigo 4 do Capítulo II, as cooperativas são tidas como "sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados (…)". Ainda, conforme a Legislação no Artigo 3, do Capítulo II, "celebra contrato de sociedade cooperativa as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetividade de lucro".

O cooperativismo se identifica em princípios universais, ou seja, por uma organização de pessoas que se baseiam em valores de ajuda mútua, com objetivos comuns a todos. Quando se refere ao caráter especial desta forma de organização, Lago e Silva (2011, p.62) relata uma dupla natureza, ou seja, "de um lado a necessidade de gerar resultados econômicos positivos a fim de garantir o seu funcionamento operacional e atender as necessidades desta e dos associados, por outro lado estão as questões sociais" subentendidas nas atuações da cooperativa, a fim de promover o desenvolvimento dos seus associados.

No que diz respeito ao cooperativismo no meio rural, em 1902, surgiram no Rio Grande do Sul as primeiras cooperativas agropecuárias, baseadas em experiências de caixas rurais do modelo Raiffeisen. Quadros (2004) defende que o cooperativismo agropecuário no Brasil merece destaque por sua importância frente ao desenvolvimento social e econômico do país, o que se confirma diante dos dados da OCB (2006), os quais demonstram que as cidades brasileiras onde existem cooperativas, possuem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) maior que a média nacional.

Lago e Silva (2011, p.61) retrata as cooperativas agropecuárias como "estruturas econômicas intermediárias, sendo que a principal razão para a sua existência é a possibilidade de oferecerem agregação de valor aos produtos de seus associados que isoladamente teriam menos condições de competir". Por isso, o cooperativismo agropecuário vem se mostrando como uma alternativa na forma de organização da produção proveniente das propriedades, inserindo seus produtos no mercado globalizado. Galerani (2003, p.3) afirma que as cooperativas são essenciais no cenário agrícola nacional, "sendo um importante instrumento para organizar e desenvolver, tecnologicamente o complexo agropecuário brasileiro". Ainda nesse contexto, Lago e Silva (2011, p.21) alega que o cooperativismo agropecuário da atualidade "apresenta-se como uma forma de organização da produção e coordenação dos sistemas agroindustriais" e que "os associados buscam no cooperativismo agropecuário participar de um mercado competitivo, através da união de suas unidades produtivas em torno de uma cooperativa".

Para alcançar esta eficiência e inserção nos mercados, o cooperativismo agropecuário apresenta-se como alternativa para pequenos, médios e grandes produtores. Segundo Rios (2007), esta diferença classista se reproduz no cooperativismo, ou seja, existe um cooperativismo dos ricos (médios e grandes produtores), importante em termos organizacionais do agronegócio e um cooperativismo dos pobres (pequenos produtores), importante em termos de promoção socioeconômica mediante políticas de desenvolvimento na agricultura familiar.

Segundo Ferreira e Braga (2004), em algumas regiões, as cooperativas representam para os produtores o único canal de comercialização e de aquisição dos insumos agrícolas. Ademais, podem também representar um setor gerador de empregos. Estes aspectos reforçam o papel das cooperativas no desenvolvimento regional.

[1] No Brasil, a Lei 5764/71 define a Política Nacional de Cooperativismo, a qual institui o regime jurídico das sociedades cooperativas e dá outras providências.

Conforme Bialoskorski Neto (2004), as vantagens do cooperativismo para o produtor rural estão centradas na possibilidade que esta forma de organização tem de aumentar seu nível de renda. Para Maraschin (2004), as possibilidades das cooperativas melhorarem a renda dos associados são maiores, em razão da proximidade que estabelece com ele, diferentemente de outro tipo de empresa e/ou organização.

> As cooperativas são capazes de atuar em mercados, sem discriminar pequenos produtores e podendo ainda controlar melhor os preços da produção primária, certificar qualidade e produtos pelo relacionamento mais próximo que possuem com os produtores (MARASCHIN, 2004, p.35).

Apesar das vantagens do cooperativismo estarem centradas no âmbito econômico, o estudo de Silva *et al.* (2006) também destaca o cooperativismo como gerador de mecanismos capazes de atuarem sobre a identidade cultural dos produtores, em suas relações interpessoais, na difusão de conhecimento no meio rural e na inserção social do homem do campo.

> Esses mecanismos são construídos a partir de: constituição de um grupo coeso (o que não quer dizer sem conflitos) capaz de aumentar a pressão política e o poder de negociação; reflexões conjuntas aprofundando conhecimentos e descobrindo as potencialidades locais; a união de várias famílias conduz à troca de experiências e combate o isolamento; o uso coletivo de recursos por parte dos membros da cooperativa pode aumentar o padrão tecnológico; a existência do grupo facilita a obtenção de recursos e a diversificação de atividades, o que pode significar emprego e aumento da renda familiar; o trabalho conjunto pode motivar e aumentar as responsabilidades individuais dos membros das cooperativas; o esforço coletivo no desenvolvimento de projetos pode criar um espaço de permanência e perspectivas para as gerações mais novas; e o revigoramento dos laços sociais e políticos de seus membros diminui o sentimento de dependência, exclusão e impotência que podem caracterizar populações menos favorecidas (SILVA, *et al*., 2006, p.8).

A PREOCUPAÇÃO DOS DIRIGENTES ENTREVISTADOS

De forma geral, em todas as cooperativas abordadas, foi bastante nítida a percepção de sua preocupação ou interesse pela questão sucessória, tendo em vista não apenas a continuidade das propriedades de seus associados, mas como também a renovação de seu próprio quadro social.

Na COAGRIL foi possível identificar que o principal entrave entre os associados no que se refere a concretização do processo sucessório é a falta de renda. Esta desestimula os jovens a permanecerem no meio rural em função da não sinalização de lucro e da não garantia de uma vida econômica estável. Ainda, a ausência de uma política de preços para a produção agrícola é citada como outro fato desfavorável a permanência dos filhos. O dirigente entrevistado defende que a cooperativa pouco pode interferir nesses fatores, já que quem os rege é o governo, enquanto que a cooperativa apenas vende aquilo que o produtor deposita. Entretanto, esse pouco poder de ação sobre esses fatores, não faz dela uma instituição despreocupada quanto à temática, tendo em vista que "A falta de sucessão é visível entre os associados; se seguir assim teremos menos 40 a 50% das propriedades daqui a algum tempo", conforme explica o dirigente.

A COAGRISOL também demonstra preocupação com as tendências atuais de reprodução social na agricultura. O dirigente entrevistado destaca na área de abrangência da cooperativa encontra-se um reduzido número de jovens rurais dispostos a permanecer como agricultores. O maior número de sucessores ou prováveis sucessores são encontrados em propriedades que contemplam atividades diversificadas, que utilizam as áreas de terra de forma mais intensiva e que agregam valor.

> A gente conversa com o jovem e percebe que se, por exemplo, a família tiver um aviário, tiver leite, ou outra estrutura que dê uma rentabilidade mensal, o jovem fica, ele procura ficar, até porque o pai chega e diz: "tu cuida do aviário que tu vai ganhar x por mês". Então, ele tem que ficar. Já na área exclusivas de grãos tem sido mais difícil (Dirigente COAGRISOL).

Além disso, as propriedades em que ainda residem e trabalham jovens, são aquelas em que os pais concedem maior autonomia de trabalho para os filhos e incentivam a utilização de tecnologias, de forma a

motivá-los ao manuseio e assimilação destas. Entretanto, o dirigente afirma que, apesar de todas as evoluções já ocorrentes no meio rural, os filhos que optam por permanecer nas propriedades ainda sofrem com carências bastante visíveis, relacionadas a educação e a noção de planejamento da propriedade.

Já na COTRIJAL, a preocupação em trabalhar de forma mais direta com seus jovens associados é antiga, tanto que, dentre as cooperativas abordadas, ela é a que se encontra mais avançada em termos de desenvolvimento de ações voltadas aos jovens associados, assim como a discussão da questão sucessória. A necessidade de iniciar trabalhos desse gênero surgiu a partir da constatação do envelhecimento de seus associados, como destaca o dirigente entrevistado:

> A gente ia percebendo que o nosso quadro social, de certa forma, estava envelhecendo, assim como toda a sociedade e muitas instituições. E a cooperativa, como organização que trabalha com a família toda, tem de se preocupar com todos os seus públicos, tanto mulheres, quanto casais, como jovens e crianças (Dirigente COTRIJAL).

O dirigente entrevistado aponta que entre os principais fatores diagnosticados pela cooperativa como entrave a concretização do processo sucessório está a falta de diálogo familiar. A questão sucessória é um assunto que nem todos discutem em suas famílias, devido sua complexidade, mas que precisa ser trazido à tona e estimulado para que as novas gerações possam ser preparadas para assumir a propriedade e se tornarem lideranças dentro da cooperativa:

> A falta de diálogo é o que alimenta grande parte dos conflitos na hora de definir como vai ser feita a sucessão, seja a empresa familiar rural ou urbana. Isso é geral. [...] Agora, nem todos os filhos tem que ficar na propriedade, mas o diálogo de como está a situação do negócio é fundamental. Se tiver três filhos, um fica na propriedade, os outros dois que saem precisam saber o que foi feito ali e não ficar na desconfiança. Tem que ser jogo claro, jogo limpo (Dirigente COTRIJAL).

Para a COTRIEL, a problemática da sucessão geracional também é considerada de suma importância, sendo tratada como uma questão de sobrevivência da região, pois é essencialmente agrícola, conforme elucida o dirigente entrevistado:

> A região é essencialmente agrícola. A geração de renda é praticamente 100% agricultura. Não tem nenhuma grande indústria, não tem nada na região que a cooperativa atua, não tem nenhuma montadora de automóvel, nenhuma grande fábrica, nenhuma refinaria de petróleo, apenas a agricultura (Dirigente COTRIEL).

O dirigente aponta que são vários os fatores preponderantes a saída dos jovens do meio rural, como a falta de renda (como também destacado pelo dirigente da COAGRIL), a falta de acesso aos meios de comunicação e ao lazer urbano, de perspectiva de casamento e constituição de família no meio rural, de diversificação produtiva e a hegemonia do pai sobre o negócio (assim como ressaltado pelo dirigente da COAGRISOL), violência no meio rural, entre outros. Entretanto, o principal fator salientado destacado por esse dirigente é não valorização do meio rural e da ocupação de agricultor:

> Dizer que a atividade agrícola não tem renda é uma grande besteira, a atividade agrícola conduzida com capacidade, com orientação técnica, com conhecimento técnico, com tecnologia, hoje, é uma das maiores possibilidades de agregação de renda que se tem. [...] O que eu vejo, é que um dos grandes problemas é a desqualificação da atividade, o pai dizendo que sofre demais para produzir, que o trabalho é degradante, que ele jamais quer aquilo para o filho dele, que o filho dele tem que fazer uma faculdade porque ele não é mais aceito hoje no mundo, quero dizer, que tudo isto pode ser verdade, mas tudo isto tem forma de contornar. Não é porque você mora no meio urbano, ou no meio rural que você não possa fazer uma faculdade e retornar para a atividade, não é por isto que você não pode cursar um curso técnico e voltar para a propriedade. (Dirigente COTRIEL).

A COTRIEL tem desenvolvido alguns trabalhos específicos para seus jovens associados na tentativa de auxiliar no processo sucessório. No entanto, segundo dirigente é difícil de entender o processo sucessório de cada família, buscar mecanismos de evolução e conscientização e de achar ferramentas (metodologias) adequadas para colocar as ações em prática.

> Uma coisa é você motivar o jovem que vai ficar na propriedade trabalhar com a cooperativa, isso é mais fácil. Outra coisa é você fomentar que ao invés de sair quinze jovens do meio rural, saiam só cinco, seis, um, dois. Esta é a grande dificuldade, esta é a "coisa" que a gente não consegue "dar a liga", não consegue "tocar a coisa para frente" (Dirigente COTRIEL).

Quanto a COTRISAL, a responsável entrevistada afirma que as possibilidades de sucessão das propriedades de seus associados também se amplificam diante de cenários de diversificação produtiva, como defendido pela COTRIEL e pela COAGRISOL, sendo necessário um trabalho intenso, trazendo a família do associado para perto da cooperativa e do negócio agrícola, como também ilustra a COTRIJAL. Esse último fator vem sendo o foco de preocupação da cooperativa.

> Não digo que estamos despreocupados e tranqüilos em relação à sucessão, não. A gente tem tentado abrir mais para trazê-los (os filhos dos associados) para mais perto, a gente percebe esta necessidade. (Dirigente COTRISAL).

Desta forma, segundo informações da responsável entrevistada, a cooperativa vem buscando conhecer experiências de outras cooperativas gaúchas e paranaenses para tentar desenvolver um trabalho mais aplicado aos filhos dos associados.

No que diz respeito a COTRISOJA, assim como na COTRIEL, a dirigente entrevistada destacou a dificuldade em se trabalhar com o público jovem. Apesar de desenvolver algumas ações, a cooperativa não possui nenhum trabalho especifico. Isso se deve a existência de inúmeros fatores (tanto internos, quanto externos a propriedade rural) que interferem no processo sucessório e tornam complexo o estabelecimento de uma metodologia eficiente.

Entretanto, a cooperativa possui uma enorme preocupação com a problemática, tendo em vista a ameaça que a não concretização sucessória representa, principalmente para a continuidade das pequenas propriedades rurais e dos agricultores familiares, que constituem a parte mais ativa de seu quadro social, em função de todos os benefícios que as mesmas agregam em prol da estabilidade econômica destes.

> O que vai sumir são as pequenas propriedades. O grande problema é que o jovem não quer participar, a gente tem que achar uma forma de trazer os jovens, colocar em algum lugar e discutir, e botar na cabeça deles como deveria ser, como deve funcionar. Mas eu acho que as primeiras pessoas que devem mudar a idéia são os pais, porque o filho se espelha no pai. Então, os filhos já estão vendo que os pais estão desanimados, que não é bem assim. Então é como eu digo, no interior melhorou muita coisa e porque ainda assim o pessoal está tão desanimado? Antigamente o trabalho era braçal! Então, qual é o jovem que está ainda no interior? Será que essa geração que está com 18, 20, 25 anos, será que essa geração vai ficar? O que a gente nota é a geração acima dos 30 anos que vem ficando (Dirigente COTRISOJA).

Já a preocupação da COTRIBÁ vem no sentido de incentivar a diversificação produtiva das propriedades de seus associados (assim como a COAGRISOL, COTRIEL e COTRISAL), de forma a dar condições para a propriedade se manter, ser mais rentável e atrativa para os jovens permanecerem. Além disso, a cooperativa enfatiza muito ações voltadas ao grupo familiar (bem como a COTRIJAL e a COTRISAL).

Na COTRIPAL, por sua vez, a preocupação em manter os jovens no campo também é antiga, tendo em vista que a cooperativa está localizada em uma região onde existem muitas indústrias, as quais representam concorrência urbana em oposição a ocupação de agricultor no meio rural, como explica o dirigente:

> A região de Panambi é uma região de muitas indústrias. E aí o que acontece: o jovem pensa assim: "Bah, eu trabalho pro meu pai e o pai não me dá nada, se eu quero ir no baile ainda tenho que chorar pra ele me dar um dinheirinho pra ir pro baile; se eu trabalho na indústria, eu ganho um salário mínimo, é meu dinheiro" (Dirigente COTRIPAL).

O dirigente entrevistado da COTRIPAL compartilha da opinião dos entrevistados da COTRISOJA e da COTRIEL, no que se refere a dificuldade em desenvolver trabalhos específicos para os jovens associados, "tendo em vista que os desafios mudaram e que manter o jovem no campo não é apensa uma

questão de capacitação". Preocupada com a questão sucessória, a COTRIPAL vem trabalhando forte com a motivação dos seus produtores, com o intuito de trazer "algo efetivo para a vida deles, dos filhos, dos netos, dos bisnetos e assim por diante", propiciando condições para que "a propriedade se mantenha e seja viável; e a cooperativa, idem".

AS AÇÕES DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS X A REPRODUÇÃO SOCIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

Através das entrevistas realizadas com os dirigentes, foi possível identificar inúmeros projetos desenvolvidos pelas cooperativas agropecuárias, que apesar de não serem focados de forma direta nos filhos dos associados e nem na temática da sucessão, podem exercer certa influência sobre as propriedades rurais e os agricultores familiares cooperativistas e, por consequência, influenciar na decisão dos jovens em permanecer ou não no campo.

Apesar de "pequenas", "indiretas" e "dispersas", como conceituadas pelos próprios dirigentes, as ações desenvolvidas pelas oito cooperativas agropecuárias nesta pesquisa, podem ser divididas em:

- Ações com foco familiar, que visam maior participação dos membros na atividade;
- Ações de formação socioeconômica produtiva;
- Ações de formação técnica/profissional;
- Ações que visam a valorização do meio rural, da ocupação de agricultor e das pequenas propriedades rurais;
- Ações de fomento a diversificação produtiva;
- Ações organizativas e educacionais;
- E ações focadas no lazer, integração e qualidade de vida.

Na COAGRIL, se observa a inexistência de ações específicas voltadas aos jovens rurais e ao debate da sucessão rural. O que se realiza são ações de foco familiar e de assistência técnica e profissional, que objetivam melhorar a produtividade, a geração de renda do conjunto da família e da propriedade e participação dos demais membros da família no negócio.

Dentre essas ações, podemos destacar basicamente seis linhas de atuação: 1) Prestação de serviço de assistência técnica através do departamento técnico da cooperativa; 2) Assistência econômica: junto aos associados são realizadas palestras técnicas sobre a questão da comercialização da produção, destacando épocas, melhores preços, entre outros; 3) Difusão tecnológica: prestação de serviços voltados a agricultura de precisão. Em eventos técnicos relacionados, a cooperativa tem o cuidado de chamar o pai e o filho para que se estabeleça o diálogo entre eles quanto as mudanças a serem feitas na propriedade. Estes trabalhos em conjunto com a família não geram conflitos entre pais e filhos; 4) Elaboração de projetos para a solicitação de crédito: garantia da viabilidade da lavoura e compra de insumos junto aos setores da cooperativa; 5) Programa Biodiesel: em que cada associado ganha um real a mais por saca. Esse programa elevou o número de associados jovens (até porque para participar dos programas os filhos deveriam se associar). Este fato reforça a importância dos programas do governo relatados pelo entrevistado. No entanto, entende-se que estas políticas são pouco eficientes para as moças; 6) Internet aos associados, para que os mesmos possam utilizá-la em suas propriedades.

No que se refere a COAGRISOL, apesar deste cenário de preocupação com a questão sucessória e com a estabilidade das famílias de seus associados, a cooperativa nunca desenvolveu nenhuma atividade direta com a finalidade de trabalhar a questão da sucessão.

> O que a gente discute muito é fazer com que o jovem fique na atividade rural e nós, como cooperativa, gostamos muito do pequeno produtor e não do grande, porque o grande produtor não tem muito o espírito cooperativo, o pequeno tem. [...] Então nós discutimos nas nossas reuniões, nós levamos para nossos técnicos, tentamos montar alguma coisa para que o pequeno possa fazer uma administração da propriedade e ter um domínio da sua situação, das suas condições (Dirigente COAGRISOL).

A cooperativa tem desenvolvido ações inespecíficas, que envolvem a família no geral e perpassam por trabalhos socioambientais, como o Projeto Escola no Campo e Projeto Terra Verde; pela capacitação profissional e formação técnica, como o incentivo a diversificação produtiva e um curso de gestão rural para estudantes rurais; pela formação pessoal e organizativa, como o Seminário da Mulher Rural; e pela valorização da atividade agrícola e relacionamento familiar, correspondente a Festa do Agricultor.

O projeto Escola no Campo é desenvolvido em parceira com fornecedores de insumos e visa oferecer aos alunos do ensino fundamental informações sobre o meio ambiente, produção de alimentos saudáveis, uso adequado de agroquímicos e seu devido manuseio, além de estimular nas crianças o sentimento de orgulho em pertencer ao meio rural. Em cada ano de realização, o Projeto Escola no Campo trabalha com cerca de 40 crianças. Já o projeto Terra Verde, desenvolvido desde 1999, visa a conscientização da comunidade escolar quanto a arborização através da realização de atividades voltadas a preservação ecológica e também quanto a jardinagem. Entretanto, com o passar dos anos o projeto foi perdendo força, e apesar de hoje ainda ser realizado, é de forma mais pontual.

A cooperativa tem um trabalho bastante intenso no âmbito de incentivar seus associados a diversificar a produção, com o intuito de garantir uma segurança econômica mais estável para os estabelecimentos rurais. Desta forma, a COAGRISOL já realizou a instalação de uma agroindústria de picles em sua área e abrangência. No entanto, hoje encontra-se desativada já que a mesma não foi atrativa aos produtores. A cooperativa também incentiva seus associados a apostarem em explorações zootécnicas em conjunto com a exploração agrícola, como a bovinocultura de leite, avicultura e suinocultura, mas existe um certo embargo por parte dos produtores quanto a adesão dessas atividades, tendo em vista a competitividade do mercado e a falta de capital de investimento dos mesmo em estruturas e equipamentos para dar início a essas explorações, como explica o dirigente entrevistado:

> Então, existem muitos problemas na nossa região, nós estamos entre ser uma atividade diversificada e não. Nós gostaríamos muito que pudesse ser uma atividade diversificada (Dirigente COAGRISOL).

Quanto ao curso de Gestão Rural, este tem sido realizado para estudantes rurais da oitava série do ensino fundamental, em parceria com a Sescoop/RS. Normalmente o curso tem duração de 32 horas e disponibiliza em torno de 20 vagas. Este apresenta como intuito o desenvolvimento de conceitos e técnicas de gestão para serem aplicadas nas atividades desenvolvidas em nível de propriedade rural. Neste ano de 2011, a cooperativa pretende dobrar a carga horária da ação.

Já o Seminário da Mulher Rural é realizado a cada dois anos em parceria com a Sicredi. O objetivo do evento é valorizar a mulher rural para que ela possa atuar na abrangência da propriedade com mais conhecimento e informações, buscando melhorar a qualidade de vida de sua família e despertando o seu espírito empreendedor. Desta forma, o evento conta com palestras motivacionais, voltadas a atividade rural, a família, a organização social e a comunidade rural, de forma genérica. Ao longo dos anos o evento tem contado, em média, com a participação de mil mulheres rurais.

A Festa do Agricultor, outro evento da COAGRISOL voltado a valorização da ocupação agrícola, é realizado anualmente em parceria com sindicato de trabalhadores rurais, igreja e SICREDI. Neste evento é realizada uma grande integração entre os associados, através de palestras, brincadeiras e gincanas em grupo, com direito a premiação. O último evento realizado contou com a presença de mais de 300 pessoas.

Não existe na COAGRISOL um setor específico responsável pela realização dessas ações e projetos. O principal setor envolvido é o departamento técnico, que conta com 25 profissionais. Quando conveniente, a cooperativa estabelece parcerias para concretizar seus trabalhos, como elucidado acima.

Apesar do número de jovens na área e abrangência da COAGRISOL ter aumentado nos últimos anos, não é possível apontar resultados efetivos dos das ações e projetos desenvolvidos, pois é mais provável que este dado esteja vinculado a maior competitividade do mercado de trabalho urbano, que desestimula o êxodo rural da população jovem, como salienta o dirigente entrevistado.

A COTRIJAL, por sua vez, prioriza os trabalhos com seus núcleos de associados por uma questão de organização e facilidade de execução de demais trabalhos com seu quadro social. Respeitando a

estrutura desses núcleos, são realizadas diversas ações com os associados, como os Encontros de Líderes e o Projeto Participação em Família. Este último tem como objetivo gerar uma abertura que permita o diálogo direto entre associado e cooperativa, aproximando e preservando o vínculo existente entre ambas as partes.

Além disso, a cooperativa também realiza o Projeto Líderes Mirins, o qual é destinado as crianças, filhos dos associados, visando o estímulo ao cooperativismo desde cedo e o respeito ao meio rural e a atividade agropecuária desde a infância. Esse trabalho é executado com o auxílio de duas professoras formadas em Pedagogia e especializadas em Educação Infantil. As crianças recebem material e são feitas eleições de líderes de grupo, os quais se encontram periodicamente ao longo do ano.

Realizando trabalhos diretos com os associados e com as crianças, durante algum tempo a COTRIJAL vivenciou uma lacuna referente a ações voltadas aos seus jovens, apesar do estímulo destinado a eles. Primeiramente, a cooperativa iniciou os trabalhos com esse público através da realização de Encontros de Jovens. Contudo, esses reuniam tanto aquele jovem com potencialidade de permanecer no meio rural, quanto o que não tinha perspectiva nenhuma, o que dificultava muito o desenvolvimento da ação, sem contar que o evento era realizado apenas anualmente, uma periodicidade muito pequena para a obtenção de resultados mais concretos.

Desta forma, a partir do Projeto Participação em Família, onde a cooperativa consegue conhecer a demanda de seus associados, a COTRIJAL percebeu a necessidade de um projeto mais focado. Assim, no Seminário de Líderes, onde estiveram reunidos 147 associados e 11 associadas, lançou-se pela primeira vez ao quadro social da cooperativa a temática da sucessão rural, através de casos fictícios montados com base na realidade dos associados da COTRIJAL. A repercussão foi muito boa, tendo em vista a grande participação e interesse dos líderes pela discussão do tema.

> Eles não imaginavam o que ia acontecer. Levamos eles lá para um seminário, e aí fizemos trabalhos com grupos, e qual foi a nossa surpresa? Colocamos eles todos em grupos para trabalhar, 160 pessoas, e eles quando apresentaram os trabalhos, de repente eram os grupos chorando. Mas o que tá acontecendo aí? Eles começaram a se emocionar porque eles enxergavam a propriedade deles nessa discussão (Dirigente COTRIJAL).

Desta forma, com o aval das lideranças, a cooperativa elaborou um projeto piloto que vem sendo desenvolvido: o Projeto Novas Gerações. O foco desta ação são justamente aqueles jovens com potencial para reproduzir a ocupação de agricultor.

A idéia central do Projeto Novas Gerações é criar grupos de trabalho de jovens, onde sejam desenvolvidos temas em módulos, como gestão da propriedade, cooperativismo, contabilidade rural, entre outros, a fim de estimular a participação destes na atividade agrícola. Além disso, o projeto visa priorizar a discussão da temática da sucessão, convidando os pais, ocasionalmente, a participar dos trabalhos dentro dos grupos. Primeiramente, na forma de projeto piloto, o mesmo será realizado com um ou dois grupos de jovens da cooperativa, para posteriormente ser levado até os demais.

Na realização das ações da COTRIJAL, estão diretamente envolvidos as próprias lideranças da cooperativa, o corpo técnico, os gerentes das doze unidades da cooperativa e o Departamento de Desenvolvimento Cooperativista, criado especialmente para puxar a frente desse tipo de projeto.

No referente a resultados concretos, apesar de promissores, esses trabalhos ainda se encontram em fase inicial de desenvolvimento, o que impede a realização de resultados efetivos.

Na COTRIEL, a problemática da sucessão geracional tem sido trabalhada através de ações voltadas à valorização da atividade agrícola e também a formação socioeconômica produtiva dos associados e de suas famílias.

Apesar da pertinência da questão é difícil achar ferramentas para alavancar melhorias, devido ao próprio desinteresse dos filhos dos associados pelo tema. Para tentar contornar este desinteresse, a estratégia tem sido inserir a discussão no Encontro de Jovens, que ocorre anualmente há oito anos, bem como no Encontro de Mulheres, também anual e já realizado há 10 anos. Em ambos, são tratados um tema motivacional e um tema técnico. Conforme o dirigente entrevistado, primeiramente se tentou trabalhar a sucessão apenas no Encontro de Jovens, entretanto, o resultado não foi satisfatório, tendo em

vista que a temática foi pouco aceita pelos jovens, os quais demonstraram, inclusive, grande dificuldade em prestar atenção na palestra:

> Estes jovens que vem até o encontro, a gente vê um jovem urbanizado. A cada pouquinho ele tem que sair para atender o celular. Ele escuta o que ele quer, ele é altamente seletivo, ele escuta o que quer e basicamente aquilo que é relacionado ao meio em que ele vive no momento. (...) Quando você reúne jovens, você reúne um grupo muito dinâmico, um grupo disperso e você lança aquilo pra eles. Não é do interesse deles tratar de sucessão. Você tem ali diversos interesses: um quer ser médico, outro quer ser advogado, outro não tem interesse em coisa nenhuma, outro tem interesse em música, outro tem interesse em outra coisa. Então você nota que poucos se interessam por aquilo que você está passando para eles (Dirigente COTRIEL).

Em função disso, a temática passou a integrar também o Encontro de Mulheres, levando em consideração o poder de persuasão e o comprometimento destas com a atividade e com a família, como explica o entrevistado:

> Se trabalha muito a mulher, porque é a mãe quem muda o jovem, o pai é difícil, a mãe é quem pode chegar lá: não, olha aqui, vamos ajeitar aqui e ali, tu tem condições de produzir, tu tem condições de evoluir aqui, tu vai conseguir casamento, tu vai conseguir uma boa companheira para ficar no campo (Dirigente COTRIEL).

É interessante constatar que a participação das moças em ambos os Encontros é bastante significativa, mas apesar da grande presença, o dirigente explica que no grupo das meninas existe a maior dispersão, sendo que muitas delas se fazem presentes apenas por uma questão de organização e não pelo interesse de tocar a propriedade. O objetivo Encontro de Jovens e Mulheres é de melhorar o relacionamento familiar e incentivar a participação dos demais membros da família no negócio e no processo produtivo, quebrando um pouco da excessiva hegemonia paterna, que muitas vezes acaba atuando como entrave ao processo sucessório.

Além dos Encontros citados, a cooperativa também tem inserido a temática em outras ações, como palestras técnicas e reuniões com os associados e lideranças de grupo, a fim de incentivar o filho a tomar conhecimento do patrimônio e participar das tomadas de decisões. Muitas vezes, os filhos não se motivam a trabalhar na propriedade por falta de conhecimento em relação à atividade e pelo pai não lhe conceder autonomia para exercer alguma atividade produtiva.

A COTRIEL também tem apostado na idéia de conscientizar os jovens de que a atividade agrícola é uma atividade rentável e qualificada. Os exemplos de sucessão realizada com êxito são sempre levados até o grupo maior para que os jovens tenham uma visão concreta de que a vida na propriedade vale a pena, pois, de acordo com o dirigente, "o jovem que vê o sucesso do outro se sente mais motivado".

Nesses trabalhos, a COTRIEL tem envolvido principalmente seu setor de comunicação, além de destinar recursos financeiros e força de trabalho para a concretização dos mesmos. Com relação a resultados, o próprio dirigente salienta a necessidade de repensar projetos mais específicos para os filhos dos associados. Na sua avaliação, os jovens carecem de ações mais pontuais para motivá-los à discussão dentro da cooperativa e dentro da propriedade. Por isso, avalia que a forma como a cooperativa vem trabalhando a sucessão até o momento não gerou resultados significativos, apesar de ser perceptível uma maior procura e intimidade dos jovens com a cooperativa.

Na COTRISAL, até o momento, as principais ações desenvolvidas têm como foco a família, buscando o envolvimento das mulheres e dos filhos na tentativa de valorizar não apenas o homem (chefe) como associado, mas os demais membros que trabalham nas propriedades. É neste contexto que se visualizam ações mais diretas para os jovens. As ações são de cunho produtivo e realizadas diretamente e diariamente com o corpo técnico (agrônomos e veterinários) da cooperativa atuando com os jovens nas propriedades, repassando informações sobre a produção, sobre a gestão da produção através do uso de microcomputadores, dando aos filhos dos associados a possibilidade de usar ferramentas tecnológicas facilitadoras da atividade agropecuária, motivando a melhorar a mesma com maior produção e menor

esforço físico. Além das ações do corpo técnico, a COTRISAL também trabalha junto aos jovens, cursos de capacitação, dias de campo, seminários e reuniões técnicas.

Considerando as ações que tratam diretamente da questão sucessória, a COTRISAL trabalha este tema em dois momentos: 1) seminário anual (realizado em parceira com a EMATER) com jovens rurais em idade escolar; 2) encontro de representantes da cooperativa nas comunidades rurais, também chamado de líderes (são cerca de 180 líderes). Nestes dois espaços, o tema da sucessão tem sido discutido com êxito, segundo a entrevistada.

O seminário de líderes tem sido um espaço rico para resgatar a participação dos membros da família, tanto as mulheres como os jovens, conforme ressalta a representante entrevistada:

> Hoje temos seminários de líderes, vem a esposa junto (...) tem seminários na área de leite, também é aberto a família, o convite fica para família. Então, isto tem envolvido mais. Talvez nós cooperativas, fomos bastante culpadas por esta masculinização, devido a esta falta de dividir o conhecimento, as experiências (...) e isto não empolgava e não valorizava a família (mulheres e filhos). Quem vinha na cooperativa era o pai. Agora a meninada vem junto (Dirigente COTRISAL).

Outra contribuição na formação técnica dos jovens é a preferência pelos filhos dos associados no momento da seleção de estagiários dentro da cooperativa, bem como em casos de contratação de recursos humanos. Também são formados convênios com diferentes universidades privadas que garantem descontos nas mensalidades dos filhos dos associados ou dependentes. Nestes casos, como observa a entrevistada da COTRISAL, pode-se pensar que estas ações não favorecem a permanência dos jovens, pelo contrário, favorecem a saída. No entanto, muitos filhos se formam nas áreas das ciências rurais ou mesmo em administração e retornam para auxiliar os pais na propriedade com outras formas de conhecimento. Uma das ações futuras que a cooperativa pretende desenvolver é o fornecimento de bolsas de estudos para filhos de associados que buscam formação técnica, a exemplo do que tem sido feito na cooperativa COTRIPAL.

A dirigente entrevistada explica que os setores mais envolvidos na efetuação dessas ações são o da comunicação e técnico, que contam com aproximadamente 60 pessoas. O setor técnico é o principal responsável por motivar as famílias rurais a participarem desses eventos, os quais contam com a parceria e o apoio financeiro e/ou social de empresas privadas, da EMATER, do SENAR e do SEBRAE.

Na avaliação da representante entrevistada, apesar de indiretas, as ações realizadas podem ser eficientes para manter os filhos nas propriedades através da melhoria da produção, da gestão e do conhecimento através de escolas e universidades e da interação direta com os distintos setores da cooperativa. Um dos resultados efetivos destas ações é o aumento do número de associados jovens, pois percebem o beneficio de ser sócio, podendo efetivar compra e venda de produtos dentro da cooperativa, bem como gozar de outros benefícios (desconto em saúde, educação). Neste contexto, os jovens podem se instalar como associado e produtor independente.

Na COTRISOJA, também não existem ações voltadas aos jovens nem a sucessão, apesar de haver espaço na cooperativa para o desenvolvimento de ações desse gênero. Atualmente, tem sido realizadas ações com foco familiar e técnico, além de algumas ações de foco organizativo. A maior parte delas estão vinculadas a assistência técnica, como é o caso dos Dias de Campo e dos Seminários de Culturas, sem contar outros eventos técnicos realizados com frequência bastante assídua. Quando acontecem eventos como esses, a família toda é convidada a participar, com o intuito de incentivar, de forma especial, a participação dos jovens.

A COTRISOJA também tem realizado o Encontro da Mulher COTRISOJA, que no ano de 2010 teve sua segunda edição. O Encontro de Mulheres tem realização anual e nele são abordados os mais variados temas do interesse feminino, sendo que a participação das mulheres é grande e tende a aumentar, destacando a participação das moças, que tem sido bastante significativa.

> Até, no primeiro a gente teve uma participação, no segundo dobrou essa participação, aí a gente convidou mulheres de associados, filhas de associados, até para valorizar. Aí faz palestras sobre saúde, bem estar, faz teatro, tira elas um pouco do interior, já que mulher do interior não sai muito.

> É um dia totalmente atípico para elas, então é aquela felicidade toda. [...] Tem famílias que vem a avó, a mãe e a filha (Dirigente COTRISOJA).

A COTRISOJA também vem realizando o planejamento de um Encontro de Jovens Rurais, tanto para os filhos dos associados quanto para os demais jovens do interior. Porém, o projeto ainda encontra-se no estágio inicial de elaboração, tendo em vista o seu nível de complexidade.

> Se tu vai querer fazer uma palestra que aborda algum assunto que faça com que eles fiquem lá no interior, quem faz? Qual é o assunto que interessa os jovens do interior? Então, muitas vezes não se sabe o que levar para eles. É bem aquela história, é mais interessante para eles namorar, ficar na internet, celular... O que interessa a eles? Cada jovem tem uma cabeça diferente. Então, é bem complicado. Pode-se fazer uma mobilização, pode-se fazer um Encontro de Jovens, mas qual assunto que vamos levar para eles? (Dirigente COTRISOJA).

Já na COTRIBÁ, também não existe nenhum projeto focado na temática da sucessão e no público jovem. O que a cooperativa tem feito é um trabalho voltado a diversificação produtiva e valorização das pequenas propriedades rurais, além de ações organizativas. Esses trabalhos visam apoio a geração de renda, buscando consolidar a propriedade e garantir uma boa renda mensal a partir de novas alternativas, gerando, desta forma, condições adequadas para que a sucessão geracional seja efetuada. Dentre essas ações de diversificação, podemos citar programas relacionados a culturas alternativas a tradicionalidade da soja e do milho, como é o caso da canola, do girassol e da cevada. A cooperativa também aposta da bovinocultura de leite e na suinocultura.

A COTRIBÁ também tem realizado anualmente um Encontro de Mulheres, tendo em vista o fato de a mulher ser um importante elo com a família. Nesse Encontro são realizadas palestras e atividades culturais, motivacionais e de lazer. Além disso, a COTRIBÁ também executou durante alguns anos um programa voltado a qualidade de vida no meio rural, denominado QT RURAL, onde havia participação de toda a família. Esse teve sua última edição em 2007, tendo sido realizado durante sete anos.

Na COTRIPAL, as ações estão voltadas ao fomento do lazer e a formação socioeconômica produtiva, através dos núcleos de jovens. A ideia dos núcleos foi implantada por um professor que trabalhava com cooperativismo dentro da COTRIPAL, ainda na década de 1970, após uma visita a experiência de núcleos de jovens desenvolvido em Israel. A criação dos núcleos foi oficializada em 1982, com a finalidade de trabalhar com a permanência do jovem no campo. Ou seja, a formação dos núcleos já tem mais de 30 anos. Atualmente, cada comunidade forma um núcleo, totalizando 18. As motivações para a cooperativa trabalhar com os núcleos advêm das dificuldades visualizadas junto ao quadro de associados que acabam vendo os filhos sair da propriedade para se instalar como empregados nas indústrias do município. Segundo o entrevistado, é fácil perceber os "dramas familiares", os próprios pais afirmam que os filhos "não são mais do campo" ou "não são mais do meio rural".

No entanto, nestes núcleos não participam apenas as novas gerações, também estão incluídas as pessoas com mais idade, isto é, acaba sendo um núcleo de participação de toda a família. A justificativa, segundo o entrevistado, é porque "é ali que está a vida, é ali que a coisa acontece: acontece o social, acontecem os cursos profissionalizantes, a dinâmica está ali", por isso, todos querem participar. Neste caso, o núcleo perde a sua característica enquanto núcleo de jovens, pois envolve toda a família. Além disso, nem todos os jovens, filhos de associados, têm interesse em participar das atividades dos núcleos, os filhos de associados mais capitalizados apresentam maior disposição nas reuniões técnicas (produção, comercialização), sem interesse na parte do lazer.

As principais atividades desenvolvidas são de cunho social: são encontros de famílias com práticas desportivas, palestras, teatros, bailes e escolha da garota rural como estímulo e valorização das moças do campo. Estes eventos são de freqüência anual. Outras atividades envolvem diretamente a parte econômica: dentro dos núcleos também acontece a formação profissionalizante através de cursos demandados pelos participantes, especialmente voltados à agroindustrialização de produtos e realizados em parceria com o SENAR, palestras técnicas com os próprios profissionais da cooperativa ou de

empresas de insumos. A parte econômica ocorre de acordo com a demanda dos núcleos, ocorrendo eventos anuais.

Outra ação que funciona como estímulo aos jovens permanecerem no campo é a oferta de bolsas de estudos para filhos de associados em formação técnica agropecuária. Hoje, a cooperativa dispõe de 40 bolsas, sendo que cada jovem recebe uma bolsa para estudar no Colégio Agrícola de Frederico Westphalen/RS. As bolsas são concedidas mediante o comprometimento do jovem, ao final do curso, de retornar para a propriedade e trabalhar na atividade agropecuária por, pelo menos, um ano. Como resultado efetivo das ações, é possível perceber uma retomada da participação dos jovens com a cooperativa, que nos últimos anos estava em baixa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, nas ações das cooperativas observa-se uma série de ações indiretas voltadas, principalmente, ao conjunto da família sem um enfoque específico nos filhos sucessores. Na visão dos dirigentes e representantes das cooperativas reforça-se que ao atuar na família, incluem de forma direta ou indireta os sucessores ou os prováveis sucessores. De modo geral, as ações voltam-se para os aspectos econômicos-produtivos (fomento do uso de tecnologias, modernização da propriedade, organização e busca da qualidade, projetos de diversificação produtiva, projetos voltados à busca de crédito) e sociais (lazer entre os associados, auxílio educacional, eventos para mulheres e jovens, entre outros).

As justificativas dadas pelos dirigentes para a ausência de ações mais focadas são a falta de recursos econômicos e humanos preparados para trabalhar esta questão, a responsabilidade da questão sucessória não é da cooperativa, mas do governo que deve fornecer mais políticas públicas para os jovens do campo, a falta de metodologias adequadas para trabalhar esta questão, o desconhecimento dos gestores sobre a problemática entre o quadro social ou, ainda, o entendimento que as ações focadas na família suprem as demandas das novas gerações de agricultores, entre outros.

Apesar da inconsistência das ações realizadas, é bastante nítida a preocupação das cooperativas com a problemática da reprodução social, o que demonstra que essas instituições, em sua maioria, não se eximem da responsabilidade inerente ao seu potencial de influência sobre as propriedades rurais associadas, tendo em vista a sua importância como instituições promotoras de desenvolvimento no meio rural, a sua proximidade com os associados e a relevância da questão sucessória para a garantia de continuidade não apenas das propriedades associadas, mas como da própria cooperativa.

AGRADECIMENTO

Pelo apoio concedido, agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócio**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ANJOS, F.; CALDAS, N. V. **Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar.** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44. 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2006. CD ROM.

ANTONIALLI, L. M. Influência da mudança de gestão nas estratégias de uma cooperativa agropecuária. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba v. 4, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v4n1/v4n1a08.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2010.

BIALOSKORSKI NETO, B. Cooperativismo é economia social: fortalecendo a identidade cooperativa. Um ensaio para o caso brasileiro, 2004. **III Seminário - Tendências do Cooperativismo Contemporâneo** – Cuiabá – MT – 6 a 9/12/2004. Disponível

em:<http://www.neticoop.org.uy/IMG/pdf/CooperativismoehEconomiaSocial.pdf.>. Acesso em: 14 mar. 2010.

BOURDIEU, P. Reprodução Proibida: a dimensão simbólica da dominação econômica. In: _____ **O campo econômico**: a dimensão simbólica da dominação. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 2000. p. 93-119.

BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil.** Porto Alegre: UFRGS; Chapecó: Fetraf-Sul/CUT, 2008. Relatório de Pesquisa.

CAMARANO, A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999 (Texto para Discussão nº 621). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/1999/td_0621.pdf>. Acesso em: 03 out. 2006.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores rurais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 22-55, jun./dez. 2001.

CARVALHO, V. R. F. **Sucessão da atividade na pequena propriedade rural na perspectiva da família e de gênero.** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 45. 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2007. CD ROM.

CHAMPAGNE, P. La reproduction de l´identité. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 65, p. 41-64, nov. 1986a.

CHAMPAGNE, P. **Elargissement de l´espace social et crise de l´identité paysanne.** Cahiers d´Economie et Sociologie Rurales, Paris, n.3, p.73-89, dez. 1986b.

FERREIRA, M. A. M.; BRAGA, M. J. Diversificação e Competitividade nas Cooperativas Agropecuárias. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 8, n.4, 2004. Disponível em: < http://www.anpad.org.br/rac/vol_08/dwn/rac-v8-n4-maf.pdf >. Acesso em: 14 mar. 2010.

GALERANI, J. Formação, estruturação e implementação de aliança estratégica entre empresas cooperativas. **Revista de Administração de Empresas, RAE – eletrônica**, São Paulo, v.2, n.1, 2003. Disponível em: <http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=1569&Secao=OPERA/LOGI&Volume=2&Numero=1&Ano=2003>. Acesso em: 12 ago. 2010.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business.** Wallingford: Cab International, 1993.

LAGO, A.; SILVA, T. N. **Fatores condicionantes ao desenvolvimento de relacionamentos intercooperativos.** Porto Alegre: SESCOOP/RS. 2011.

LAMARCHE, H. Introdução geral. In:_____. **A Agricultura familiar:** comparação internacional. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. v.1, p. 13-33.

LEI Nº 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm>. Acesso em: 03 set. 2010.

LOPES, M. N. **O celibato masculino e as perspectivas de reprodução da agricultura familiar.** 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARASCHIN, A. **As relações entre os produtores de leite e as cooperativas: um estudo de caso na bacia leiteira de Santa Rosa – RS**. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS - OCB. Brasília, 2006. Disponível em: http://www.brasilcooperativo.coop.br/ocb. Acesso em: 02 jul. 2006.

QUADROS, G. A. S. **Mudança estratégica na Cotrijal: um estudo de caso das influências dos seus *stakeholders* a partir do cubo da mudança.** 2004. 148 p. Dissertação (Mestrado em Agronegócios). Programa de Pós-Graduação em Agronegócios. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

RIOS, G. L. **O que é cooperativismo**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ROSSI, A. C. S. **Cooperativismo à luz dos princípios constitucionais.** 2 reimpr. Curitiba: Juruá, 2009. 182 p.

SAMPAIO SILVA, E. *et. al*. Panorama do cooperativismo brasileiro: história, cenário e tendências. **UniRcoop**, vol. 1, # 2, 2003.

SILVA, W. R.; VIEIRA, F. G. D.; BERNARDO – ROCHA, E. E. R. Organizações cooperativas e contexto cultural do espaço público brasileiro: um ensaio teórico sobre processos sociais, universo simbólico e prática social. **30º Encontro da ANPAD.** 23 a 27 de setembro de 2006 – Salvador/BA – Brasil.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead, 2001. 120 p.

SIQUEIRA, O. G. **A crise das grandes cooperativas : um estudo comparado entre a cooperativa de Carazinho (RS) e a de Não-Me-Toque (RS).** 2001. 216 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** 2008. 236 p.Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

SPANEVELLO, R. M.; LAGO, A. **As cooperativas agropecuárias e a sucessão profissional na agricultura familiar.** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 45. 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2007. CD ROM.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres –** colonos do Sul e sitiantes no Nordeste. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.